

## RELAÇÃO AMOROSA E RELAÇÃO COM DROGAS: OS TRAÇOS COMUNS DAS DEPENDÊNCIAS

JOSÉ LUÍS FERNANDES\*

*Partindo de textos literários sobre a relação amorosa e sobre a relação com drogas, movemo-nos no espaço semântico permitido por eles para analisar os traços comuns, as coincidências e as ligações entre os dois tipos de relações. A hipótese teórica a que o nosso exercício dá corpo é tomada de Cândido da Agra, quando enuncia a necessidade duma «teoria geral das dependências», que revelará a mesma especificidade da dependência em relações sujeito-objecto na aparência diversas entre si.*

*A expressão psicológica típica dos processos de dependência e ainda uma hipótese acerca da sua simbolização e respectivas consequências para o devir da relação de dependência são também focados.*

«Mas, nesse tempo, e em particular durante o Renascimento, não havia o sentimento duma grande divisão entre as ciências e as artes.

Leonardo, como tantos outros, passava livremente duma especialidade à outra; não é senão mais tarde que elas são categoricamente divididas.»

Thomas Kuhn

### 1.

Crio neste texto um espaço em que faço como Leonardo: passarei livremente duma especialidade a outras, deixarei que a arte informe a ciência, deixarei que o discurso epistemológico me remeta repentinamente para a arte.

O conteúdo terá base em fragmentos literários acerca da relação amorosa, correspondendo a diferentes momentos da sua expressão: o enamoramento, a paixão, as ausências, as separações, os lutos. Podem portanto relevar da dependência afectiva. Terá igualmente base em fragmentos literários acerca da relação com as drogas: a sedução, o envolvimento, a espera, a abstinência, o reencontro. Relevam portanto da dependência farmacológica.

A análise que sobre eles faço é duma sobreposição semântica que deixe entrever a interconversão mútua das duas dependências. Desta sobreposição poderá resultar que um poema escrito sob o desejo que move a relação amorosa possa ser lido como o poema centrado no desejo que move a relação heroínmano/heroína. Poderá resultar também que um poema escrito sob o desespero da espera do traficante possa ser lido como aquele que fala da espera desgastante do sujeito da paixão.

O texto literário resulta da procura artística

e da proposta estética saída dos sentimentos, afectos e emoções a propósito do que é incomodativo. A inquietação é pois condição necessária da produção literária, e esta resulta duma ruptura dupla: ruptura no fio do dia-a-dia, originando crises existenciais que apelam à expressão (dependência intelectual?); e canaliza-se o apelo à expressão exprimindo-o através duma ruptura com a forma habitual do exprimir: precisamente a linguagem artística.

O acto literário é contrário à geração espontânea. Continue a dizer-se, dos poetas ou dos romancistas, que escrevem por acessos. Evoque-se a imagem de Pessoa, de pé e cabelos em desalinho sobre a mesa, afrontado na cachoeira de palavras sem que comandasse esta excursão do verbo. E teremos a noite da escrita do «Guardador de Rebanhos» como fenómeno de quase possessão — escrever aparece assim, no limite, como acto tresloucado. Deste ao génio não há distância, há só interstícios, fendas breves: o génio é louco, e o recíproco raro. Continue a dizer-se o poema como acto repentino, como lucidez súbita

(\*) Assistente Estagiário da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da U.P., Membro do Centro de Psicologia do Comportamento Desviantes.

sem sinais pródromos. E perpetuaremos o desconhecimento sobre a psicologia do processo (não do acto) criativo, descurando o elevado potencial de elaboração do real que faz do produto final — o texto — um concentrado de informação.

Utilizemos, pois, alguns textos cujo estilo de enunciação os designa como literários. E pede-se a quem os leia este exercício: descentre-se do referente — a ligação homem/mulher, a relação amorosa, a vivência da corporalidade, a espera e a ausência e o reencontro com o objecto da paixão — e recoloca-se num outro. Este outro referente é ainda o duma ligação, o duma relação, o da vivência duma corporalidade, o duma espera, duma ausência e dum reencontro: do toxicodependente com a sua droga. E, quando o referente for a ligação toxicodependente/sua droga, faça o exercício inverso.

Trata-se de ler cada um dos textos como testemunho da paixão de que, afinal, não fala: falando da amorosa, é como se fosse da farmacológica que dissesse — e reciprocamente. Troque-se da paixão não o que a desenha, mas só o objecto que a designa. E vejamos se o texto persiste falando ainda do que falava. O que, a verificar-se, se constituirá como um exercício sobre uma proposta concreta: a que nos é feita pela primeira regra da «emergência epistémica dum novo paradigma na psicologia» (Cândido da Agra, 1984). O artigo em que este autor desenvolve as quatro regras reitoras desta emergência é o ponto de partida, o local enunciativo de onde nasce a ideia que desenvolvo.

Esta primeira regra, de acordo com Agra, estabelece a necessidade, exigida pelo fenómeno da toxicodependência enquanto objecto tecido numa prática discursiva, duma teoria geral das dependências humanas. E sugere traços comuns e ligações desta dependência com outras formas dela se exprimir: a biológica, a fisiológica, a afectiva, a cognitiva, a institucional, a socio-cultural... Os processos de funcionamento das relações entre sujeito e objecto (relações múltiplas: já não só a do toxicodependente com o seu fármaco mas todo um campo em que se destacam as relações da espécie com o código genético, da mulher com o homem, do trabalhador com o trabalho, do cidadão com os mass media...), os processos de funcionamento das relações sujeito/objecto, dizia-se, comungam duma mesma natureza. Esta a hipótese sustentada por C. da

Agra. Traços comuns e ligações entre vários tipos de relações aparentemente díspares revelar-lhe-ão, se puderem ser descobertos, uma mesma especificidade: a da dependência.

É partindo deste quadro de referência que procurarei unir, como partilhando traços comuns, dois tipos de ligações: a relação homem/mulher e a relação toxicodependente/sua droga. A pressão social exercida sobre cada uma delas é exactamente oposta; a expectativa sobre o desenlace de cada uma também. A primeira é encorajada e reforçada e dela se espera que seja duradoura; a segunda é desencorajada e punida e dela se espera que seja breve; a primeira é factor de integração no grupo social, a segunda é factor de estigma; da primeira, pensa-se que está ao serviço da felicidade, e da segunda que conduz ao beco; se a relação amorosa assegura a reprodução do indivíduo normal da espécie, a relação com a droga assinala o laboratório onde uma química vinda de fora faz perigar a química que está dentro. Destas duas ordens químicas em dissonância só pode resultar a desordem dos corpos. Aparentemente, numa e noutra das relações defrontam-se o são e o que transmuta, o que possui/ reproduz saúde e o que se degrada.

E se esta atitude de sinal oposto, indutora de comportamentos sociais nos antípodas para cada das relações, tivessem o efeito secundário de manter ocultas as pontes que unem em traços comuns cada uma delas? E se relação com a droga e relação amorosa manifestassem uma mesma natureza?

2.

«pelas paredes cheira ainda à tua pele  
[cutânea.

Mas desde que te foste estar aqui é oco,  
cansativo, uma espera. E às vezes (como  
se tivéssemos chorado) respirar custa.

Sobretudo nada apetece.  
sair para a rua? Ir então em frente a repetir  
os passos, passear nas avenidas a espaçar  
as horas — dispersar a espera?

tudo cinzento. Choverá?  
aqui é que não fico. No quarto onde  
[dormimos  
o espaço sobra, e cada coisa já morreu ou  
está a mais.

em toda a casa uma violência subterrânea:  
a tua ausência.»  
(Célio Lopes, 1984)

Duas frases apenas vinculam o poema à relação amorosa: «pele cutânea» e «no quarto onde dormimos». Todo o restante poderia falar duma outra ausência, duma outra separação, duma outra espera: o dum heroínmano em relação à heroína, a viver as horas dum síndrome de abstinência.

O vivido subjectivo do esvaziamento interno («...estar aqui é oco, cansativo...»), a alteração da percepção («...tudo cinzento...»), a intranquilidade e a agitação («...aqui é que não fico»; «...ir em frente a repetir/os passos...»), a impossibilidade do relacionamento com o mundo envolvente («...cada coisa já morreu ou está a mais...»), as repercussões somáticas («...E às vezes (como se tivéssemos chorado) respirar custa»), todos estes elementos são também os do heroínmano em falta; mas sobretudo a pesada amotivação, a falência perante todo e qualquer acto, o violento bloqueamento de toda a relação satisfatória com o real («...sobretudo nada apetece/Sair para a rua? Ir em frente a repetir/ os passos, passear nas avenidas a espaçar as horas — dispersar a espera?»). A perda de sentido, a impossibilidade do funcionamento pessoal.

E que dizer da semelhança entre o «repetir os passos, passear nas avenidas a espaçar as horas — dispersar a espera» e a situação em que se aguarda a chegada do «dealer»? (1)

A desmotivação (o «síndrome amotivacional» da literatura clínica das toxicodependências), a sensação subjectiva da alteração da relação com o real e o afecto depressivo bloqueador da acção, presentes no poema anterior, são o tema central do seguinte:

«Há aqui uma lentidão dos sons parados,  
um mar estático esta tarde. Cinzas  
[resolutos policíam  
todos os repousos ou recantos

e já estou cheio de ler o mesmo livro

mas o telefone acabará por tocar  
na manhã extensa em que vieres de braga»  
(Célio Lopes, 1984)

Note-se a alteração perceptiva sentida («...há aqui uma lentidão dos sons parados»;

«...cinzas resolutos...»), e a alteração na vivência do tempo («... um mar estático esta tarde...»); ainda os traços comuns a duas ausências, a duas esperas. O reencontro aparece no horizonte de cada uma delas como a única possibilidade: adquire contornos de inevitável — e daí a redundância comportamental específica da dependência (a «farmacotimia» da literatura clínica das toxicodependências, e, diríamos, o ciclo da paixão que parece catacterizar inúmeras relações amorosas).

As ligações entre dependência homem/mulher e dependência de drogas são pressentidas e assinaladas, não raro, directamente no jogo da técnica literária. Vejamos três recursos desse jogo:

• a personificação da coisa-droga é a estratégia utilizada, por exemplo, em «Sister Morphine» dos Rolling Stones:

«...Por favor, irmã morfina,  
transforma o meu mesadelo num sonho  
...  
Por favor, irmã cocaína,  
pousa na minha cabeça as tuas mãos  
[frescas  
(Rolling Stones, 1971)

• a proposta, em «Sister Morphine», é a da droga como alternativa à pessoa; em «Discos Pedidos», de Rui Veloso/Carlos Tê, é a da pessoa como alternativa à droga:

«Pega nesse telefone, marca o zero seis  
[sete um  
não tenho prova que me abone, mas juro,  
sou melhor que 'valium'»  
(Carlos Tê/Rui Veloso, 1983)

• a ambiguidade à cerca do objecto que se nomeia, camuflando-o em duplos sentidos, é utilizada pelos americanos Velvet Underground, grupo marcante da história da pop, em «I'm waiting for my man»:

«I'm waiting for my man  
26 dollars in my hand  
up to Lexington, one to five  
so sick and dirty, more dead than alive

I'm waiting for my man  
...» (Velvet Underground, 1966)

Trata-se duma espera. Duma mulher pelo companheiro? Talvez mais certo a dum homem pelo companheiro — o encontro homossexual («...26 dollars in my hand...»). A espera parece impôr-se, o encontro parece vital: aguarda-se quatro horas, aguarda-se mesmo doente, aguarda-se «more dead than alive»... e afinal quem virá é o passador de heroína.

Outro exemplo do mesmo recurso:

«passei o fim d'ano com o Jim Morrison

em casa dum amigo meu  
num quarto muito pequenino eu  
deitado em cima da cama  
que bastava sozinha para encher o quarto  
o meu amigo disse-me que bom  
hoje vou estar com ela

e tirava do bolso um pacotinho  
de cocaína aspirava aquilo como  
quem faz a úniuca coisa possível ou a  
coisa mais linda

...  
'que bom vou estar  
com ela' tinha dito ele  
quando depois com um sorriso a tirou do  
[bolso]

aspirou-a com a força dos  
actos importantes...»

(Célio Lopes, 1984)

O momento mais problemático de gerir da relação amorosa é provavelmente o da ruptura. A tarefa da reorganização da existência depois da perda, a busca de novas significações que reencontrem sentido para o quotidiano, a interiorização duma decisão que raramente se afigura claramente delineada, tornam esta fase dum equilíbrio delicado. Como em todo o equilíbrio, a hesitação e o recuo perante a decisão de ruptura transformam a situação em oscilante: fatalidade do reencontro — irreversibilidade da separação são os pólos em que se joga o movimento pessoal. É característico dos equilíbrios poderem, mediante a oscilação dos parâmetros de que dependem, acelerar a reacção na direcção de um dos pólos — do equilíbrio amoroso conhecem-se extremamente mal os parâmetros: ninguém estranha a bizzarria dos comportamentos quando é o amor que está em jogo...

(ao nosso amor morto.  
não daquelas mortes de que morrem  
[os pássaros  
mas doutra mais premeditada e  
[injusta e cinzenta])

I sabes como me fizeste noite?

e como me obrigas  
a reaprender devagar o comprimento dos  
[dias?

II este grande deserto e os  
rios apagados

acender a chama e recomeçar a luz,

tarefa meticulosa»  
(Célio Lopes, 1985)

Assim parece ser também com o toxicodependente que tenta a ruptura com a sua droga: a desistência interna, a ameaça da oscilação em direcção ao ponto donde ainda agora veio (a «noite», espaço da invisibilidade dos caminhos, espaço do apagamento das configurações, travessia sem horizonte desenhado à vista); a necessidade de organização dum outro modo do tempo («reaprender devagar o comprimento dos dias»); a sensação de falência interna, de perda de sentido, a estranheza perante o mundo das coisas habituais, a sensação duma morbidez que afecta toda a iniciativa (como se tudo se passasse num «grande deserto e os/rios apagados»); mas também a crença e o entrever duma outra organização como meta possível, o convocar das forças e o seguir adiante («acender a chama e recomeçar a /luz»).

E não é a «tarefa meticulosa» de «acender a chama e recomeçar a luz» precisamente o que caracteriza o trabalho psicoterapêutico nas toxicoddependências? Não é a tentativa de «reaprender devagar o comprimento dos dias», ensaiando outros modos de organizar o tempo, que se procura suscitar com esse trabalho?

Não será, finalmente, a possibilidade de passar a uma outra modalidade de simbolização da relação amorosa que faliu, a possibilidade de lhe destruir a magia, de lhe anular a aura e o mito, que criam as condições para novas direcções organizativas longe do equilíbrio que já se autoidentificava como patológico?

Vejamos como, pelo jogo literário, Eugénio de Andrade simboliza de maneira

nova os dados experienciais duma relação amorosa que se gastou — na busca de novos significados por sobre os anteriores, que libertem novas direcções:

«Já gastámos as palavras pela rua, meu  
[amor,  
e o que nos ficou não chega  
para afastar o frio de quatro paredes.

...  
Meto as mãos nas algibeiras e não  
[encontro nada.  
Antigamente tínhamos tanto para dar  
[um ao outro,  
era como se todas as coisas fossem  
[minhas:  
quanto mais te dava mais tinha para te .  
[dar

...  
Já gastámos as palavras.  
Quando agora digo: meu amor,  
já se não passa absolutamente nada.  
E no entanto, antes das palavras gastas,  
tenho a certeza  
de que todas as coisas estremeciam  
só de murmurar o teu nome  
no silêncio do meu coração.

Não temos já nada para dar.  
Dentro de ti  
não há nada que me peça água.  
O passado é inútil como um trapo.  
E já te disse: as palavras estão gastas.»

(Eugénio de Andrade, 1980)

A outra possibilidade, aquela que se posiciona nos antípodas da anterior, é a da persistência obstinada na direcção que, não obstante, se reconhece como autodestruidora. Escutemos o poema «Heroin», duma das figuras mais marcantes da história do rock e adicto à heroína há longa data: Lou Reed.

«HEROIN

I Don't know  
just where I'm going  
but I'm gonna try for the kingdom if I  
[can  
'cos makes me feel like I' m a man  
when I put a spike into my vein  
and I tell you things are quite the same  
when I'm rush, and all my run  
and I feel just like Jesus son

...  
I have made  
great decision  
I'm gonna try to modify my life  
'cos when the blood begins to flow  
when it shoots up the ... neck  
when I'm closing in on death  
you can help  
but not you guys  
all you sweet girls, with your sweet talk  
you can all go take a walk  
...  
heroin  
be the death of me  
heroin  
it's my wife and it's my life  
'cose a man to my vein  
it's to a sinner in my head»

(Lou Reed, 1975)

O que parece caracterizar este tipo de percursos é a simbolização da dependência não no sentido de lhe anular significados antigos substituindo-lhe novos (como em E. de Andrade), mas a extremização daqueles: «when I'm closing in on death/you can help (refere-se à heroína)/but not you guys/all you go take a walk»; «heroin/be the death of me/heroin/it's my wife and it's my life».

Característico igualmente o entregar a outras forças que não as da decisão pessoal a vivência de cada momento a seguir («I don't know/just where I'm going»). O tempo só se organiza no imediato, a dor não existe porque no imediato o que está ao alcance é o prazer («I'm gonna try for the kingdom if I can/'cos makes me feel like I'm a man/when I put a spike into my vein/... and I feel like Jesus son»).

A fuga da paixão é um caminho que, simplesmente, parece não ser sequer concebível — nada, assim, a distingue da obsessão. E, das obsessões, o que sobretudo se sabe é que não deixam escolher («Heroin/be the death of me/heroin/it's my wife and it's my life»).

Eugénio de Andrade e Lou Reed simbolizaram, em síntese, o processo da dependência de formas exactamente inversas: o primeiro afastando-se para longe do equilíbrio anterior, na busca de novas direcções. Parece tê-lo conseguido com base na radical modificação do modo de simbolizar os significados da relação amorosa que faliu. E o segundo extremizando um equilíbrio, ou seja, levando a solução anterior ao limite. Parece fazê-lo

através da insistência no mesmo processo de simbolizar os significados da relação com a heroína.

3.

Trabalhando em planos semânticos, evidenciando recursos literários e fazendo de textos da expressão artística objectos concentradores de informações sobre dependência, aproximamos duas das suas modalidades: a afectiva e a farmacológica. Talvez que o exercício mais não alcance do que a singularidade de ser tentado — e o esboço se esgote nele próprio. Ainda assim, parece ter-se reunido evidência em relação ao facto de a expressão dos relacionamentos amorosos e a expressão dos relacionamentos com drogas poderem assumir desenhos semânticos idênticos.

Assim, num jogo de significações tecido pelos recursos da técnica poética, a droga é tomada como amante (Lou Reed) e a mulher tomada como objecto-dependência (Célio Lopes); a mulher tornada substância da dependência, pólo dum vínculo que impede novos movimentos — restringindo a autonomia; a droga tornada sentido da vida, fazendo-se semelhante à mulher fatal — «drug is my wife and wife is my life»...

#### NOTA

(1) O «dealer» é o passador de drogas ilícitas, geralmente último elo da cadeia do tráfico — o elo «da rua». A dependência dum «dealer» habitual para obter drogas, a contingência desta dependência, o cansaço quotidiano que induz e por vezes a humilhação a que obriga o «cliente», são factores importantes no desencanto da relação com drogas, e, p. vezes, na decisão da ruptura.

#### REFERÊNCIAS

Agra, C. (1986) Projecto de psicologia transdisciplinar do comportamento desviante e auto-organizado. *Análise Psicológica*, 3/4 (IV), 311-318.

Lopes, C. (1984, 1985) Poemas. (Não publicados)

Stones, R. (1971) Sister Morphine. In Stricky Fingers, R. S. Records.

Veloso, R. Tê, C. (1983) Guardador de Margens. Lisboa: Valentim de Carvalho.

Underground, V. (1966) Velvet Underground & Nico/ MGM Records.

Reed, L. (1975) Rock'n'roll animal. RCA records

Andrade, E. (1980). Poesia em verso e prosa. Lisboa: Círculo dos Leitores.

#### RÉSUMÉ

##### RAPPORT AMOUREUX ET RAPPORT AVEC LES DROGUES: LES TRAITS COMMUNS DES DÉPENDENCES

A partir de textes littéraires sur le rapport amoureux et sur le rapport avec les drogues, on est dans l'espace sémanthique permit par eux pour faire l'analyse des caractéristiques communes semblables, les coïncidences et les liaisons entre les deux types de rapports.

L'hypothèse théorique que fait apparaître notre exercice est prise de Cândido da Agra, quand il parle du besoin d'une «Théorie générale des dépendences», qui nous traduirait la même spécificité de la dépendence par rapport aux relations sujet-objet, apparemment différentes entre elles. L'expression psychologique typique des processus de dépendence et encore une hypothèse sur sa symbolization et les conséquences pour l'avenir de la relation de dépendence sont aussi objet d'analyse.

#### ABSTRACT

##### LOVE RELATIONSHIP AND RELATION WITH DRUGS: THE COMMON FIELD OF THE DEPENDENCIES

We looked at similarities between love and drug addicting relationships on literature. Cândido da Agra called for a «General Theory of Dependences» suggesting the same structure for different individual-object addictions. This is our work hypothesis.

We also deal with the psychological expression of addiction processes and its symbolization.